
Editorial

Ana Letícia de Fiori e Arthur Fontgaland



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/15293>

DOI: 10.4000/pontourbe.15293

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Ana Letícia de Fiori e Arthur Fontgaland, «Editorial», *Ponto Urbe* [Online], 31 v.1 | 2023, posto online no dia 25 julho 2023, consultado o 28 setembro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/15293> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.15293>

Este documento foi criado de forma automática no dia 28 de setembro de 2023.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Editorial

Ana Letícia de Fiori e Arthur Fontgaland

- 1 Em 2023, a Revista Ponto Urbe passa por algumas renovações e transformações. Para começar, damos boas vindas aos novos membros da nossa Comissão Editorial. Além de somar esforços para a produção da revista em caráter totalmente voluntário, trazem maior diversidade institucional, que sem dúvida vai se refletir nos processos de captação e tutoria de artigos. Despedimo-nos, por outro lado, de nossos incríveis estagiários Stefano Alfarelos e Isabela Ferreira Loures, que seguem novos rumos em suas trajetórias acadêmicas e profissionais. Que os bons ventos que sopram as velas de nossa NAU possam acompanhá-los em seus devires. A equipe recebe assim a nova estagiária, Gabriele Maria Oliveira, que já chegou segurando o forninho para que a edição de julho pudesse sair no prazo.
- 2 Além dos novos membros, a revista, após uma longa tramitação, teve seu credenciamento aprovado pelo comitê científico e passa a ser reconhecida, em seu décimo sexto ano, de existência no Portal de Revistas da Universidade de São Paulo, que conta agora com mais uma revista A2 em seu catálogo. Antes tarde do que mais tarde. A partir disso, dentro em breve, nosso processo editorial migrará para a plataforma Open Journal System, mantendo a publicação da revista também em nossa parceira atual, Open Editions. Esperamos assim sanar alguns ruídos e tornar mais ágil o fluxo editorial da revista, além de ampliar o alcance das novas edições.
- 3 A edição 31.1 da Ponto Urbe começa sua seção de **Artigos** em ritmo de Copa do Mundo. Enquanto torcemos pelas nossas jogadoras em busca do título inédito, Keo Silva e Wagner Xavier de Camargo trazem uma reflexão sobre “Antagonismos entre sexualidade e religião no futebol: breve reflexão sobre a colonialidade na Copa do Catar”. Mobilizando diferentes autoras e conceitos sobre gênero e sexualidade, incluindo trabalhos voltados ao esporte e ao futebol em particular, o artigo aborda os tensionamentos entre políticas LGBTfóbicas no país sede do megaevento e nos comitês desportivos e o crescente, ainda que minoritário espaço que atletas LGBTQIA+ tem conquistado, trazendo também debates sobre cooptação das lutas por reconhecimento em lógicas colonialistas e homonacionalistas e como cultura e religião são agenciadas nas controvérsias, em dinâmicas locais e globais. Retornando à América Latina, em uma

reflexão teórica e etnográfica sobre a localidade de Ecapetec no México, mas que ressoa em contextos brasileiros, Luis Adolfo Ortega Granados aborda “Insegurança e mobilidade cotidiana em contextos urbanos: táticas socioespaciais no leste da Zona Metropolitana do Vale do México”. Após um balanço de diferentes relações conceituais entre mobilidade (migratória, por deslocamentos ou local, individual ou coletiva) e insegurança, Granados apresenta sua etnografia em Ecapetec de Morelos e discute a espacialização da segurança entre espaços fixos, como fechamento de ruas, e móveis, com usos do corpo, da religiosidade, de cães, entre outros. Reconfigurações no espaço urbano são também abordadas por Ezequias Freire Milan e Guilherme Passamani em “Vivendo no paraíso”: processos de urbanização e condomínios de luxo na terra do agronegócio”, tendo como foco a expansão de condomínios de alto padrão em Dourados - MS, por meio de análises de redes sociais e mecanismos publicitários nos quais o imaginário do colono é acionado para formas atualizadas de ocupação urbana. Williane Juvêncio Pontes, por sua vez, realiza uma revisão bibliográfica sobre o crescimento de João Pessoa - PB no artigo “Periferização e estratégias de resistência: A formação de uma comunidade a partir do processo de crescimento urbano de João Pessoa-PB”, tendo como foco a comunidade de Timbó e suas formas de ocupação e resistência ante ameaças de desocupação e estigmas, em uma estreita relação entre configurações urbanas e periféricas e configurações morais. Júlia Vargas descreve, a partir de Belo Horizonte, relações de trabalho remunerado doméstico no artigo “Louça, lençol e toalha: a intimidade limitada como repertório de demarcação na relação entre diaristas e suas clientes”, trabalho que recebeu menção honrosa na categoria de “artigos de graduação” no 2º prêmio Lélia Gonzalez da 33ª RBA, em 2021. A etnografia é desenvolvida junto ao Coletivo de Faxinas Tereza de Benguela e retoma um tema de certa trajetória na antropologia brasileira, relações de hierarquia, intimidade e distanciamento entre trabalhadoras e famílias empregadoras, desenvolvendo uma descrição atenta aos ambientes, objetos e tarefas do trabalho doméstico bem como às “ambiguidades afetivas, desigualdades de classe social, gênero e raça simultâneas à proximidade e à intimidade do convívio”, sem incorrer na reprodução de leituras pouco atentas às interseccionalidades desse universo. Por fim, dois artigos de pratos da casa: Jeferson Carvalho da Silva segue, em “Cidades e invenções: experimentos para a composição de uma trajetória urbana do pensamento de Claude Lévi-Strauss”, em companhia do nosso antropólogo ancestral em um exercício reflexivo e criativo a imaginar experiências para o urbano e Heitor Frúgoli Jr retoma linhagens da antropologia urbana brasileira em suas relações com origens europeias e americanas em “Formação da antropologia urbana brasileira: diálogos com a Escola de Chicago e linhagens iniciais”.

- 4 Além dos artigos de submissão regular, esta edição traz o **Dossiê** “Estéticas engajadas e cidade: reflexões sobre ativismos, sociabilidades e representações políticas num mundo em crise”, organizado por Otávio Raposo, Gleicy Silva, Caterine Reginensi e Paulo Raposo. A publicação reúne um conjunto de artigos que busca analisar múltiplas dimensões e sentidos da articulação entre arte, ativismo e estéticas insurgentes que tomam a cidade como parte constitutiva de disputas políticas. De caráter majoritariamente etnográfico, as pesquisas presentes no dossiê abrangem distintas realidades urbanas manifestas em territórios localizados em cidades como Aracaju, Teresina, Rio de Janeiro, Lisboa, Natal, Maceió e Londrina.
- 5 O artigo “Contra-en(cantar) o bairro. Poéticas da paisagem do rap crioulo na Área Metropolitana de Lisboa”, de Gabriela Leal, recorre ao trabalho etnográfico realizado

junto às mulheres rappers engajadas com a cena de rap crioulo da Área Metropolitana de Lisboa, Portugal, para pensar sobre os nexos entre imaginação espacial, eficácia simbólica e as questões da vida urbana. Em “‘O Rio de Janeiro é mais que a cidade do Rio de Janeiro’: circuitos urbanos e coletivos audiovisuais da Baixada Fluminense”, Renata da Silva Melo reflete sobre os processos de disputa e imaginação da cidade a partir de intervenções estéticas e debates realizados pelo circuito de audiovisual da Baixada.

- 6 Com a autoria de Victor Hugo Belarmino, Magda Dimenstein e Jáder Ferreira Leite, o artigo “Experiência urbana gay afeminada e modos de resistência na cidade contemporânea” trata dos mecanismos de controle sobre as performances de gays afeminados. O texto tem como foco as estratégias e táticas de enfrentamento, bem como as luta micropolíticas empenhadas por homens gays auto identificados como afeminados para desafiar e enfrentar os dispositivos de gestão das corporalidades na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte. No artigo “Caminhadas e itinerários entre Rio de Janeiro e Lisboa. Artistas e ativistas urbanos entre sociabilidades e formas de resistir”, Catherine Reginensi e Paulo Raposo colocam em diálogo suas experiências de pesquisas etnográficas realizadas em Lisboa, Portugal, e Rio de Janeiro, Brasil, com os trabalhos de artistas urbanas e organização de ativistas negros. A partir disso, discutem etnografia urbana e os múltiplos usos dos espaços públicos de cidades em transformação.
- 7 Em “‘Enquanto eu dormia, cavaram uma cova no fundo do meu peito’: Mineração, deslocamento compulsório e pichações nas ruínas de cinco bairros fantasmas (Maceió-
- 8 AL)”, Luiza Souza, Aissa Petronilho e Carlos Eduardo analisam uma série de pichações nos escombros de bairros maceioenses arruinados por um crime socioambiental em curso na capital de Alagoas. O texto lança mão de diferentes fontes de dados, como investigações etnográficas, pesquisa documental e diálogo com projetos fotográficos locais, para entender como os residentes impactados manifestam suas memórias, reivindicações e resistências, produzindo novas subjetividades no território.
- 9 Eliane Couto e Mariane Pisani, por sua vez, em “‘Banho de Sangue’: expressões corporais, artísticas e políticas nos espaços urbanos de Teresina”, constroem o texto etnográfico a partir de uma performance da artista e ativista Luzia Amélia Marques realizada em diferentes espaços urbanos da capital do Piauí. O artigo busca compreender e analisar quais espaços de Teresina se transformaram em palcos para desvelar processos de violência, bem como disputas sociopolíticas ocorridas entre 2018 e 2020.
- 10 O artigo “Práticas culturais juvenis e a cidade como locus de ação política e disputa de sentidos sobre o espaço público”, com autoria de Letícia Galvão e Frank Marcon investiga como espaços da cidade de Aracaju, em Sergipe, têm se tornado lugares de construção de distintas estratégias e táticas estético-política de jovens para a reivindicação do direito ao debate público sobre a cidade. Já o último texto do dossiê, “Exercer o direito à cidade: o Canto do MARL como possibilidade de um fazer artístico popular em Londrina, Paraná”, Giovanni Cirino e Laís Vieira lançam um olhar sobre a “okupação” realizada pelo Movimento dos Artistas de Rua de Londrina, no Paraná, e analisam as políticas culturais do município, para discutir como a luta pelos usos da cidade colaboram no asseguramento do direito à cultura.
- 11 Para a seção **Etnográficas**, Diego Correa de Araújo traz a etnografia acompanhada de trechos de entrevistas e fotos abordando o “Forró de vinil: notas sobre o Baile dos Ratos

no evento SP na Rua”, em que o coletivo Baile dos Ratos permite discutir circuitos de DJs de forró e clivagens geracionais. Gabriela Lages traz como participantes de sua etnográfica ventos, espíritos, visagens, fantasmas e assombrações que habitam as paisagens de São Luis e se comunicam por repertórios sensoriais com os outros cidadãos e visitantes, em diferentes reconhecimentos e relações de afetação.

- 12 Falando sobre alteridades e medos, em nossa seção **Entrevistas**, temos Maurício Alcântara, Simone Toji, Ana Elisa Bersani entrevistando – por ocasião de uma conferência proferida na universidade de São Paulo em novembro de 2022 – o antropólogo francês Michel Agier a propósito dos “indesejáveis”, abordados em seu mais recente livro *La peur des autres: Essai sur l'indésirabilité*, lançado em 2022. Entre os assuntos abordados, os modos contemporâneos possíveis de pensar a hospitalidade como uma forma de cosmopolítica.
- 13 Partindo para o mundo das imagens, em nossa seção **Ensaaios Fotográficos** temos o olhar auditivo de Mario Ricardo Guadagnin e Viviane Kraieski Assunção no ensaio “Intervenções artísticas na cidade de Criciúma: resistências estético-políticas”, encontrando em diferentes superfícies urbanas de Criciúma – SC, vozes dissonantes ao conservadorismo atribuído à cidade, com a emergência de discursos contra o patriarcado, o fascismo e a desigualdade urbana. Já Sarah de Barros Viana Hissa e Clarisse Callegari Jacques retratam, em “Deixado na igreja: da arqueologia a uma estética do lixo recente”, uma arqueologia do lixo contemporâneo encontrado pelo trabalho arqueológico na igreja de São Francisco de Assis, em Mariana – MG. Entre fotos da igreja em restauração e dos objetos encontrados e expostos, reflexões sobre humanos, coisas e a passagem do tempo.
- 14 Por fim, a despedida de uma seção. A partir do próximo número, **Resenhas** deixa de compor regularmente a Ponto Urbe. Esta edição traz a contribuição de Thalia Marques sobre o livro *Vida e Palavras: a violência e sua descida ao ordinário*, da antropóloga indiana Veena Das, que recebeu uma muito aguardada tradução brasileira pela EdUnifesp em 2020. Além de uma apresentação dos capítulos, a resenha propõe aproximações entre as discussões de Das e as *escrevivências* de Conceição Evaristo.
- 15 Boa leitura!